

01. Cemitério Paulo Freire, o projeto

Amélia Lopes (Universidade do Porto)

Cemitério Paulo Freire. Eis um nome que desperta muitas perguntas, algum desconforto e uma grande curiosidade. Não chegava ser Cemitério, ainda é Cemitério Paulo Freire. O cemitério é para nós um lugar triste, onde infelizmente estão as nossas pessoas queridas e, claro, a morte, não merecendo por isso ser tornado lugar de vida e arte. Paulo Freire, entretanto, é sobretudo esperança e não morte. Mais, Paulo Freire não morrerá nunca.

Tudo isto é, realmente, verdade, e o processo e o produto do projeto de Ricard Huerta, traduzido na exposição *Cemitério Paulo Freire*, transforma exatamente esse lugar “sem palavras” numa multidão extraordinária de impressões afetivas, culturais, sociais e estéticas. É um trabalho multidisciplinar – apelando aos estudos do património, artísticos, pedagógicos, psicológicos, sociológicos e históricos - nos cemitérios existem culturas, classes sociais, histórias, enfim, uma imensa riqueza humana.

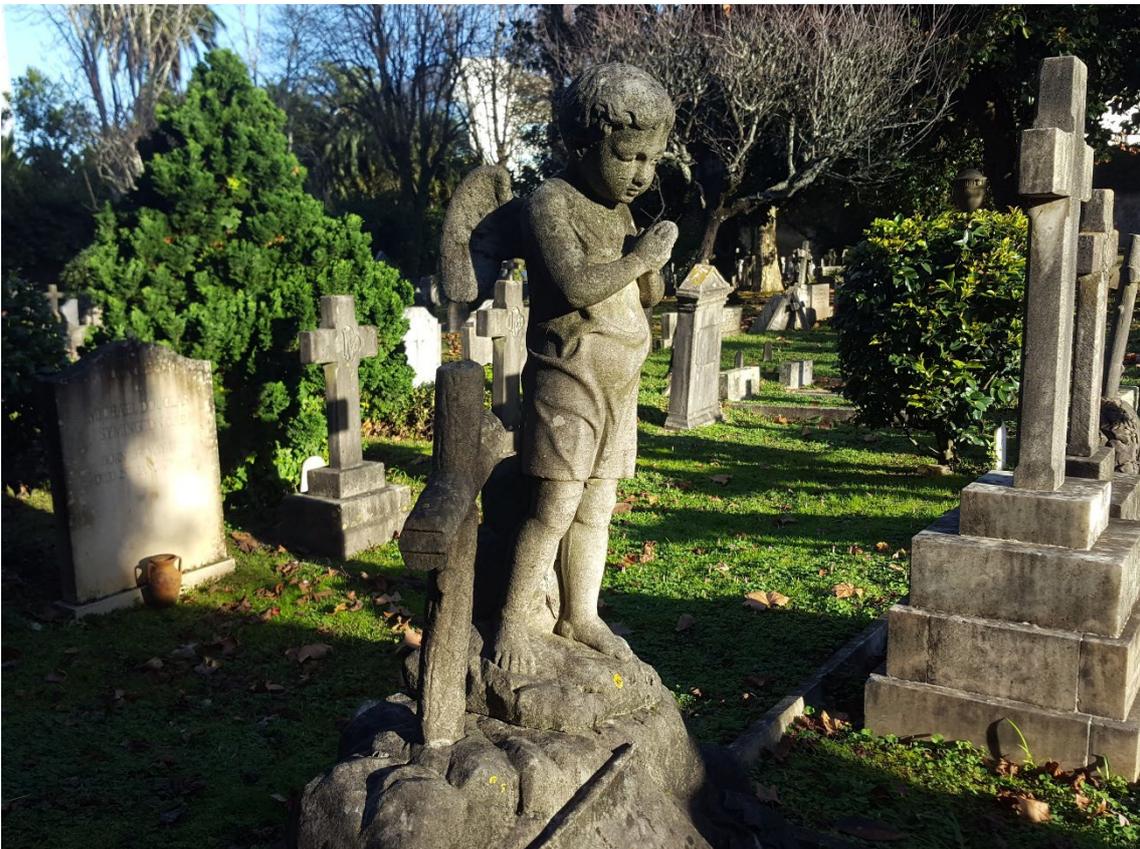


Figura 1. Cemitério de St. James ou Inglês, Porto.

Ter tido a honra de participar neste projeto e, nessa medida, ter mantido uma conversação regular com o seu autor sobre todas as experiências que tem realizado noutras cidades do mundo, foi uma experiência extraordinária. Para além de um grande artista e pedagogo, Ricard Huerta é um excelente observador e contador de experiências.

Mas existem ainda outros dois aspetos que me cativaram de forma especial neste projeto. Um deles foi o envolvimento dos estudantes, de licenciatura, mestrado e doutoramento; a admiração e a serenidade com que encararam a experiência; o desejo, quase necessidade, que mostraram de participar, refletir e visitar. O outro, foi a reconfiguração estética de todo o processo num produto singelo, mas pleno de exatidão, que dá todo o sentido ao título *Cemitério Paulo Freire*. Do cruzamento entre a reflexividade que as imagens da morte despertam e a mensagem freiriana sobre a morte, a desumanidade e o desespero, nasce a plena reivindicação da vida que nos comove.



Figura 2. Placa do marmoreador à entrada do cemitério do Prado do Repouso, Porto.